

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III.

Domingo 14 de Dezembro de 1856.

N. 16.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

XVI.

ESTUDOS HISTORICOS

VIRIATO

XVI.

No anno seguinte, havendo nova eleição de Consules, foi mandado para Hespanha, na qualidade de Pretor, Quinto Pompeyo. E' de crer que este, como os que o tinham precedido, fosse acompanhado de um numeroso exercito, porque a experiencia mostrára que a Republica, sacrificando tantos milhares de pessoas, acariçava sempre a idéa de destruir o principal motor d'essa guerra de tantos annos. As derrotas successivas, a reproducção do sem numero de factos que as acompanhavam, a vergonha, por assim dizer, que resultava dellas, e sobre tudo o terrivel obstaculo que se antepunha a um dominio absoluto de parte dos Romanos, predispunha o Senado a emprehender tudo para assegurar á soberba Roma mais esta grandiosa conquista. Entretanto, Viriato não descansava. Internava-se pela Andaluzia onde procurava novos reforços. Nesta provincia tinha poucas sympathias, mas qualquer povoação que recusava prestar-se a pagar o tributo pedido, era em breve tempo arrasada, pois que estes inimigos eram mais para temer do que os proprios conquistadores. Foi em uma destas excursões que o grande Lusitano tomou particular conhecimento com os povos Naseos, os quaes deveriam ser mais tarde uma das causas da sua ruina: E' notavel a maneira por que fallam destes povos quasi todos os autores daquelle tempo, e mesmo alguns posteriores.

Conhece-se, sem muito estudo, que os primeiros tinham interesse em occultar o verdadeiro caracter delles, para que jamais se deixasse de ignorar o seu infame proceder para com aquelle que desejavã arrancar-os da escravidão.

Infelizmente o espirito de nacionalidade não estava por tal forma arreigado, que podesse obstar a estes e outros embaraços na principal execução do projecto de Viriato, que combatia pelo muito amor que tinha á sua patria, e á Hespanha em geral. Ah! que se germinassem nella os mesmos sentimentos que animavam os Lusitanos, não teríamos a deplorar a tragica morte do nosso heroe e do generoso Sertorio! O que importava um ou outro exemplo de coragem da parte daquella, se a transicção para o desanimo operava-se tão rapida como e formára! Esses povos cediam á influencia mais ou menos directa do famoso capitão, a sua presença exaltava os animos ao mais alto ponto, mas dir-se-hia que elles não podiam mover-se sem esse impulso magestoso que nascia das palavras de Viriato. Pompeyo fizera a sua entrada na Hespanha ao som das aclamações entusiasticas do pequeno exercito Romano que se achava nella, porém mais de uma vez elle celebrou essa entrada com a destruição de terras inteiras, com a morte de muitos infelizes. Viriato appressou-se em ir cumprimental-o; o seu primeiro cuidado era de cumprir com todos os Pretores esse dever que estava em relação com seu projecto. Comprehende-se que não era possivel que um homem da tempera do Lusitano se contentasse em curvar a lança ao enviado da Republica; não, Viriato sabia unicamente cumprimentar em campo aberto, com armas iguaes; era um selvagem, era um *salteador*, por isso os Romanos tentavam sempre retribuir com usura esses cumprimentos.

(Continúa.)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

O Regedor de Fontello, que sabia cumprir os seus deveres d'autoridade, apressou-se em tomar conhecimento do facto. Elle ignorava porém que Lourenço não era um réo commum, um d'esses homens sobre os quaes a espada da justiça cahe com todo o seu peso. Alem disto as circumstancias de delicto, os precedentes, eram, por assim dizer, tão extraordinarios, que cumpria desempenhar com toda a calma e perseverança o fim para que fôra chamado. Para prevenir qualquer eventualidade, chamou *quatro cabos de policia*, e em poucos minutos estavam em presença de Lourenço. Este convenceu-se de que o unico partido a tomar era valer-se da sua influencia e da que seu pai tinha na Fulgosa, para sahir são e salvo do precipicio que preparára. Com qualquer outra pessoa estes manejos produziriam seu effeito, mas com o Regedor em questão eram nada mais que subterfugios destinados a impedir a acção da lei. Lourenço acolheu aquelle com todas as demonstrações de respeito e cortezia, aguardando que fosse interrogado. O Regedor ouviu o depoimento do creado; os preliminares do interrogatorio seguiram seu curso, e durante elle Lourenço não pestanejou. O salvador de Luiza expôz n'essa linguagem simples e franca o que sabia, advinhara que se tratava de uma d'essas reparações estronosas que podem absolver a victima da sua demasiada fraqueza. O infame assassino pensava que o interrogatorio não passaria d'isto, contava só com alguns dias de prisão, mas com essa confiança que nasce do espirito d'aquelles que julgam possuir em si o elementos precisos para fazerem calar exigencias da authoridade, sorria-se entre si zombando não só do depoimento do creado como da regidez do Regedor. Enganou-se no todo. Era perante Luiza que Lourenço devia responder; esta certeza produzio n'elle bastante impressão, pois que tentou sobornar o digno funcionario. Senhor, disse este com um maravilhoso sangue frio, propostas d'essas devem ser feitas a algum que dependa de todos e de tudo; desculpo-o

porque me não conhece. Vamos, continuou fazendo signal aos *cabos*. Um momento, respondeu Lourenço empallidecendo, meu pai foi um dos representantes da provincia, e é cavalleiro professo na ordem de Christo; seu nome é o meu, não consiuta pois que eu vá no meio d'estes homens como algum criminoso de baixa esphera. A lei não permite essas distincções senão com aquelles que dependem de julgamento superior. Seu pai não pôde transmittir-lhe essa excepcionalidade que tem; queira conformar-se com a praxe seguida n'estes casos. Após os pedidos vieram as ameaças, Lourenço quiz resistir até. Não me obrigue empregar a força, disse o Regedor em tom que não admittia replica. Aquelle perdeu todas as esperanças, acreditou por fim que ali, perante a authoridade, era simplesmente um réo de triplices crimes. Estes espectáculos, que são tão frequentes no campo, despertam comtudo uma curiosidade sem limites; quando Lourenço entrava em Fontello, acompanhavam-no uma multidão de pessoas as quaes formavam entre si os mais absurdos comentarios. Elle vio-se forçado a ser o juguete e divertimento dos curiosos e isto que em qualquer outro seria motivo para os remorsos ou arrependimento, augmentava-lhe essa raiva interior, essa excitação de idéas que impelle o homem a commetter novos crimes. O Regedor sabia que Luiza fora recolhida em casa da velha mãe de João, encaminhou-se pois para ella, e quando subia as escadas aquelle parava na rua seguido do medico. A' vista d'elle Lourenço empallideceu de novo. Um amigo de seu pai hia ser testemunha de um processo infamante. Bom dia, Lourenço, disse aquelle. Adeos Sr. R... respondeu o primeiro sorrindo-se ironicamente. Que significa isto? continuou o medico fallando com o Regedor. Isto significa que vamos começar um processo importante, e que dará lugar a muitos e repetidos combates; conhece Lourenço? proseguio fallando-lhe baixo. Conheço, e seu pai é um dos meus melhores amigos. Conhece tambem a victima? A pessoa que me foi chamar não pode explicar-se muito bem, parece-me comtudo que tenho de socorrer uma infeliz menina que foi raptada ha quinze ou vinte dias. Este dialogo tinha lugar em uma especie de varanda de pedra que dava entrada para a casa de Maria (a mãe de

João) Lourenço ardia de impaciencia para subtrahir-se aos olhares curiosos da gente que estava em baixo ; começava-se a murmurar e elle comprehendeu que tinha feito nascer no espirito d'estes rusticos, essa indignação sobre maneira hostil contra aquelles que abusam da força. O medico foi o primeiro a entrar ; João conduziu-o ao quarto em que deixára Luiza.

(Continua.)

A viagem do Bardo.

II.

Com a guerra da independencia peninsular despertaram-se os instinctos da nação. Quebrando suas cadeias, lembrou-se ella de que outra ora havia reunido cortes e enviado procuradores a seus reis ; que Phebo Muniz havia pugnado mais do que os fidalgos degenerados pela conservação de seus fóros ; e estas lembranças tão risnhas, estes influxos tão energicos, trouxeram a luta entre o povo e os cortezãos, que entraram em decisivo combate ao desembarcarem os soldados da joven rainha nas praças do Mindello. Havia não sei que semelhança poetica com os companheiros do Gama, n'esse punhado de bravos que capitaneados por um monarcha, que resignara a purpura de um imperio que havia libertado, para tornar-se simples cabo de guerra, vinham restituir á patria a liberdade, e o throno a uma innocente menina.

E effectivamente dos luctuosos e heroicos combates da serra do Pilar e da Asseiceira, sahio um reinado, em que favorecidos por mais natural influxo, despertaram com crescente vigor os instinctos grandiosos da nação. As glorias militares que se tinham distinguido em Badajós e no Uruguay, nas campanhas peninsular e cisplatina, vieram unir-se outras novas, repletas de vigor e mocidade, que talvez houvessem levado longo a fortuna da patria, se o seu cabo não tivesse adormecido o ultimo somno dos bravos, depois de collocar sobre o throno a sua saudosa filha.

Um mancebo houve então, hoje homem abtido pelos annos, a quem já acompanham os primeiros applausos da posteridade, que ouvindo o ribombar do canhão funebre, o tanger arquejante dos sinos e os prantos vertidos na soidão domestica pelos companheiros do libertador, escreveu algumas paginas singulares, sobre tão grande assumpto. N'ellas revelava-se uma nova época litteraria, vigorosa, abundante de emoções e entusiasmo, que hia succeder á didactica eschola de Macedo, Santos e Silva, e ás exagerações exi-

guas de pensamento dos discipulos de Bocage. Como em uma colonia que o espirito industrioso de nossa época elevasse sobre as ruinas de Tyro ou de Carthago, estes mancebos que abordavam á patria com a experiencia de sua excursão por alheias terras, aproveitavam todas as pedras seculares, todas as tradições elementares que podiam servir á reconstituição do seu gremio social. Os feitos de armas haviam-se tornado para elles um vicio ; careciam do fumo dos combates, como o navegante das tempestades do oceano, saudavam o sibillo das ballas, como aquelles saudavam o estampido dos raios. Entre estes trabalho, de reconstrucção e ligeiras refregas civis foi-se destennendo essa geração que produziu Garret, o cantor de Camões, o conde das Antas, Silvestre Pinheiro, um dos maiores publicistas modernos e Mousinho de Albuquerque o auctor das Georgicas Portuguezas. Luctavam na arena politica, chamando o povo á vida governativa, a costumando-o aos comicios electivos, orando-lhe com vehemencia do alto da tribuna parlamentar. Romanoseavam o idioma nacional, aproveitando os trabalhos fundamentaes do bom Philyntho, e do veneravel S. Luiz ; expurgado este de alheios vicios, hia risonho readquirindo a sonoridade dos Luziadas, a doçura de Laura d'Amphryso, a onomatopéa dos sermões de Vieira. Sob os auspicios da illustrada folha de D. Pedro, reunio-se uma sociedade de amigos da patria e das lettras, que quiz chamar á vida as glorias litterarias do nosso passado, e que para justificar a geração do seu tempo perante os vindouros, teceu durante sete annos uma encyclopedia dos conhecimentos nacionaes. Ahi está o Panorama para impor silencio aos estrangeiros ignorantes, e mover saudade em nossos filhos da época em que as novas liberdades patrias começaram a aproveitar.

De todos estes mancebos que então se alimentavam de esperanças, que entravam com nobre ambição em todas as carreiras e que pareciam reconduzir á patria o espirito de seus avós, poucos são os que hoje já não passam velhos e des-illudidos por ante a mocidade, que com sua experiencia dolorosa nunca os poderá igualar. Alguns como Garret, e Mousinho de Albuquerque, já desceram ao tumulo ; é bom que a geração nova vá rodear os que restam collados ás suas lições, receba os seus conselhos, e aprenda com elles a ser esforçada em seus intentos.

De todos os que melhor comprehendeu talvez o mais illustre de seus contemporaneos nacionaes, e que mais digno era de ter eternisado D. Pedro, em uma épopéa, é o autor dos Quadros Historicos.

Espirito tenaz e herculeo, que venceu a natureza, que ao seu natural estro antepuzera a fraqueza dos orgãos physicos. Alma de paixões elevadas e ardentes, que viveu sempre dilacerado

pela infructuosidade de suas aspirações para os gosos da vida exterior; e cujo canto immortal—os Ciumes do Bardo—é um grito de dôr, d'aquelles que nunca pôde ser entendido e amado como sua alma desejava. Reflexivo e calculador desde a juventude, apreciou com o tino de um velho conselheiro os negocios da patria; queria-a grande, como em seus sonhos de poeta a tinha visto; e os homens do dia diminuidos pelas intrigas politicas, pareciam-lhe todos expurios da terra que regiam. Este contraste entre a realidade e as theorias arredou-o por vezes da arena politica; voltou-se para os penates que idolatrara desde menino; embalou suas paixões com a traducção dos versos da juventude, para autobiographiar as suas idéas poeticas, em cujo repassar todos os escriptores acham novos prazeres.

Como o auctor da Henriade quiz ser tambem historiador; não para dissecar as ignominias dos seculos que foram, mas como homem de imaginação clara e de excelso gosto, ver só no drama eterno das nações as phrases brilhantes. Engolphou-se no estudo dos velhos pergaminhos; revolveu as pesadas chronicas de Fernão Lopes, e de Azurara, e compenetrando-se dos costumes, das crenças, do viver de nossos avós; escreveu como A. de Vigny, uma composição que participando da ficção pelos seus adornos e da realidade pelo historico dos factos, leva com mais appetitosas côres os livros da historia as mãos do povo. As artes do desenho aperfeiçoadas pelo incremento geral, acompanharam em seu pensamento elevado o auctor dos—Quadros Historicos.—O vulto heroico de Geraldo Sem Pavor, e a fronte veneravel de Egas Muniz, tornaram-se vivas quando o lapiz dos artistas portuguezes desenhou o pensamento occulto do historiador. Alguns acharam aquella prosa, que era rica, fluente e musical, acima do que requeria a historia embora adornada. Queriam mais concisão, estylo mais narrativo, periodos menos arredondados. Lançava-os a elevação continua d'aquella torrente cujos jorros hiam de grimpá em grimpá de montanha, sem nunca deslisarem murmurantes pelas doçuras da planicie. Comparavam o estylo lyrico dos Quadros com aquelle singello e admiravel episodio do Tributo á Memoria do Libertador, em que o velho soldado de Austerlitz, pratica das glorias reciprocas a bordo do vapor com o companheiro de D. Pedro. Mas a estes tambem os Luziadas deveriam causar; porque grandes feitos só com alto estylo condizem, e querel-os narrar como fidalgo velho em palestra de anedotas da antiga côrte, é amesquinhar o que é grande, emparelhando-o com o que é commum.

Com esta obra deu o seu autor remate á nomeada litteraria que havia adquirido; seu nome tornou-se popular, e pelas mãos da Europa illus-

trada correram os seus escriptos. D'este lado do oceano houve tambem quem com avidéz os lesse, e os portuguezes da America não renegaram a gloria da terra de seus paiz. Um houve que acima dos outros collocado, quiz conhecer o velho cantor de seu pai; quiz apertar em seus braços um genio illustre, que hia desapparecer no volver de um seculo a cuja primeira metade pertencia. Quem sabe se não advinhou que havia muito a colher de sua realéza de genio, e que para a organização do novo imperio todas as vistas elevadas eram poucas, todos os acertados conselhos eram admissiveis. Ha um grande prazer em ter praticado ao menos uma vez, com uma pessoa que sobresahe ás de seu seculo; quando as neves da idade revertem nossos olhares para o passado, ufanamo-nos de haver-mos conhecido os genios que illustraram o nosso tempo.

A mocidade pois rodeou ainda uma vez o Sr. conselheiro Castilho, ao desembarcar na terra americana. Saudou nella o representante de uma grande geração de engenhos; o velho bardo que veio tanger os seus ultimos hymnos á sombra dos bosques de Nictheroy:

Vassouras, 1855.

REINALDO CARLOS MONTORO.

Epistola.

Julia, é só a ti, imagem querida de meus pensamentos; visão ethereal e encantadora de meus sonhos; estrella unica de consolação e enlevo, que para mim existe sobre a terra, que eu quizera enviar uma epistola, mas uma epistola cheia de amor e poesia; mas uma epistola notada com expressões ainda aos homens desconhecidas, as quaes te podessem bem a fundo revelar os puros sentimentos que predominam em minha alma, uma epistola em fim, Julia, escripta com a linguagem com que a Deos fallam os anjos lá no Empyreo, a qual ultrapassando a longa e escabrosa barreira que nos separa podesse voar a tuas mãos pãra nella, como anjo que és, traduzindo essa linguagem, poderes comprehender como eu desejara o quanto é puro e sem limites o amor que te consagro.

Mas não posso, Julia. é-me impossivel; pois além de não ter essa linguagem com que eu quizera adornal-a, além de não possuir essas phrases expressivas que tanto dejara, o longo obstaculo que ante nós existe cada vez se torna mais invencivel, até fazer-me perder toda a esperanza. E no entanto, Julia, que triste sorte! sinto crescer o meu amor para com tigo á medida que os obstaculos se augmentam!

Oh! eu amo-te muito, Julia, amo-te como a minha mãe, esse ente carinhoso que me embalou na meninice, amo-te como a Deos podem amar os seraphins, amo-te mais do que amo a propria existencia, e tu com igual extremo a elle me correspondeste, mas ah! Julia como é iuftausto este nosso amor! quanto é fusca a estrella que a elle nos preside! seus raios são despidos de fulgor e de brilho quaes os que presidiram aos amores de Camões e Petrarcha de quem a todo o instante, com o coração comprimido, lembro o fim amargo de suas desventuras.

Olha, Julia, sem duvida tens lido ou ouvido fallar dos amores de Abeillard com Heloisa ou de Tasso com Leonor, aos quaes os poetas se acostumaram a chamar amantes desditosos? pois não é verdade o que os poetas dizem, Julia, deixa-os fallar porque estes amantes de que te fallo foram ditosos, a estrella da ventura não se lhes mostrou de todo apagada, se della não poderam fruir os raios no auge de seu maior esplendor, alcançaram ao menos um fulgor vivificante que em demasia lhes compenhou seus extremos amorosos. E que importa que esse mesmo fulgor se extinguisse depois de tantos momentos de seu desfrute deixando-os no meio de trevas e amarguras?..:

Escuta ainda, Julia, eu por depositar um só osculo em tua frente, por ter-te um só momento no enleio de meus braços, por um instante emfim só de felicidade junto de ti dera toda a minha existencia e inda achára dar pouco...: sugeitar-me-hia ás mais acres torturas, e todas julgara pequenas; não lastimo pois, que tenha o grande Tasso terminado seus dias como louco em uma prisão, assim como Abeillard findasse os seus com não menor infortunio: taxe embora quem quizer de absurdo este meu pensar.

Julia! eu amo-te tanto quanto o mesmo Abeillard poderia amar sua Heloisa, Petrarcha a sua Laura, Tasso a mesma Leonor, e Camões a Natércia, para ti e Deos é a quem dirigo meus unicos pensamentos; sim, para Deos tambem pois nunca nelle pude crer tanto como desde que vi pela primeira vez teus encantos, e cada vez ainda mais acredito que amor como o que te consagro não póde ser senão, do mesmo Deos dimanado: no entanto apezar de tanta dedicação, a esperanza que conservava de te gozar já se me finou; della já nada mais resta do que saudade... mas inda assim eu só por ti é que existo; pois é este fogo que me arde em chamas no peito que me dá vida.

Sabes tu Julia quaes são ainda os mais ledos instantes que na vida posso alcançar? são esses em que nas horas de repouso tu vens divinizar meus sonhos com tua imagem querida. Ora te vejo umas vezes radiante, com azas de cherubim abandonando riquezas e orgulhos, voares a meu lado, pegar-me na dextra vagarosamente convi-

dando-me a seguir-te por veredas só por ti conhecidas porém que eu julgo as do paraíso, ora presinto teus braços me cingirem a teu collo, qual uma mãe carinhosa o póde fazer ao mais caro fructo de suas entranhas; ora como que sinto roçarem por meus os teus labios ardendo n'um fogo devorador; ora outras vezes em fim, Julia, te julgo minha... já minha, só e para não mais perder-te; mas ah! quão pouco são duraveis essas illusões! em breve eis-me despertado desses sonhos vaporosos para ver-me ante a realidade como sempre, sósinho com minhas lagrimas e a pobrelyra que tu me afinaste, a doce com panheira de minhas magoas e infortunios, o meu unico arrimo nas horas de maior tristeza e melancolia.

Julia! se estas linhas poderem chegar ás tuas mãos, lê-as, mas lê-as com attenção; traduze-as pelo teu coração e solta um suspiro, mas um suspiro, que fendendo os ares possa echoar a meus ouvidos, vindo minorar os soffrimentos de minha alma.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

POESIAS.

A Malvina de C.....

CHANT DU SOIR.

Deusa já foste teu pisar o indica,
E o teu sorriso que ironico desliza
Por sobre os labios que o carmim perderam,
Outr'ora meigo os corações prendia.

Os negros olhos, que as paixões cansaram,
Já ardentes foram,—de um volver venciam
As ferreas almas, que timidias depunham
Junto ao teu solio os quebrados peitos;

De loucos servos que a madurez dispersa
Era essa turba; e accordaste um dia
Entre as corôas que a teus pés jaziam,
Ao teu passado para sempre entregue.

Mas tu perdoas á mocidade injusta
Prezar do bello as apparentes fórmias,
As vivas côres das incompletas rozas,
Que sem perfume os seus olhos prendem!

Qual é mais bello : no horisonte a tarde,
Quando cingida de douradas nuvens
Fallaaos sentidos e o coração enleva,
De magico esplendor seu adeos partindo?

Ou alva incerta, que ao surgir das ondas
Por sob um veu de indistinctas côres,
Da selva ás folhas, momentaneo brilho
Com a neve presta, que o calor devora ?

E as aves cantam ao nascer da aurora,
Do bosque as sendas tortuosas correm,
Ridentes euros que ao prazer incitam
As roseas faces das campestres virgens !

E tu solemne esplendor da tarde
Por almos hymnos da natureza ingrata
Apenas tens o do sabiá saudoso
Que a ti modula dolorido canto !

Tudo para mim a saudade encerra :
Gloria e amor, aspirações e gozos ;
Sombras celestes que evocou a mente
Nos breves annos da juvenil aurora !

As seccas folhas das triumphaes corôas
Que juncam a senda de teus leves passos,
Aos rotos planos da juvenil descrença,
Irmãos no engano, o destino as mescla !

Ah ! não descanses o teu collo ardente,
As negras tranças entregando á briza,
Sobre a saccada que o teu val domina ;
E' fria a pedra e a solidão te serca.

Correm as lagrimas de teus olhos ternos
Sem que meus labios devoral-os possam !
Deixa que ao menos em meu canto humilde
Malvina um dia as gerações futuras,
Se do pobre cantor as trovas lerem,
A idéa de amor ao teu nome enlacem !

Rio de Janeiro, 1 de Junho de 1836.

REGINALDO CARLOS MONTORO.

Poesia

A VILLA DOS ARCOS DE VAL DE VEZ.

Oh Arcos, villa saudosa !
Pura, fagueira e mimosa,
De minha patria ditosa
Gentil, risonho florão !
Onde em fragil tenra idade
Gosei pura f'lecidade;
A ti pois com lealdade
Consagro meu coração.

Tu és, villa, onde a ventura
Eu gosei com bem ternura,
N'essa epocha inda tão pura
De sorrisos infantis;
És terra de meus amores,
Onde na idade de flores
Não conheci os rigores
De minha sorte iufeliz !

E's, emfim villa querida
P'ra mim jamais esquecida,
Onde a luz pura da vida
Vi pela primeira vez;
E que em memoria, exilado,
Inda conservo gravado
O nome que tens sagrado
Dos Arcos de Val de Vez.

Conservo sim, desditoso.
Ao recordar mui saudoso
A quadra d'intimo goso
Que em ti oh villa passei,
Esses sorrisos d'esp'rança,
Esses sonhos de criança,
De venturas e bonança
Qu'eu em ti abandonei.

Se tem cidades aos centos,
Ruas, praças e ornamentos,
Palacios e monumentos,
Cousas sem fim que admirar ;
Nessa tua singeleza
Mais do que Roma ou Veneza
Tens para mim tu lindeza
Qu'eu bem não posso explicar.

Descrever eu bem quizera
 O todo que tanto impera
 Em ti oh mimosa terra
 De meu lindo Portugal !
 Descrever essa poesia
 Que tens, e tanto extasia,
 Da lyra em sons de harmonia
 Fazer teu nome immortal !

Nos fastos da lusa historia,
 Villa tambem por memoria
 Tu tens um padrão de gloria
 Nessa Veiga da matança,
 Onde ha setecentos annos
 Lusos pavilhões ufanos
 Calcaram dos Castelhanos
 A honra, orgulho e pujança !

Ai ! doce villa, emfim, quantos
 Suspiros tristes, e prantos
 De minha lyra, e que cantos
 Tem-me a saudade arrancado
 Por ti ! e quantas perdidas
 Lagrimas d'alma nascidas,
 Pelas venturas queridas
 D'amor que em ti heí deixado !

Eu amo as tardes, sem custo
 Em que de S. Bento Augusto,
 Junto ao mosteiro vetusto
 Fui tanta vez me sentar !
 Só pelo estudo opprimido,
 Amo esse tempo fugido
 A meus collegas unido
 Que jámais posso olvidar !

Amo essa hora em que na ponta
 Reparava no horisonte
 Do sol no grato desponte
 Seu fulvo raio a luzir,
 Ao mesmo tempo escutando
 O murmurar doce e brando
 Dessas aguas perpassando
 Sob meus pés-a fugir.

Amo esse tão pittoresco
 Panorama gigantesco
 Quando das tardes ao fresco
 Nessa praça do Terreiro,

D'um lado a ver mil campinas
 Com esmaltes de boninas
 E d'outro as verdes collinas
 D'um alpestre ingreme outeiro.

Amo o tempo em que menino
 Fragil inda e pequenino
 Eu esse outeiro sem tino
 Pulava sem me cançar ;
 E após olhando na frente
 Corria ainda contente
 Indo doce e castamente
 Minha familia saudar.

Amo triste e desditoso
 Esse instante deleitoso
 Em que fruia ditoso
 Os afagos maternas !
 Esses risos e caricias
 Essas venturas, primicias,
 Os encantos, as delicias
 Que não podem ter rivaes !

Amo a singella harmonia
 Que quer de noite ou de dia
 Na primavera eu sentia
 Dos meiros cantando amores...
 Esses melifluos trinares
 De pintasilgos milhares
 Brincando em ledos pomares
 Entre madeixas de flôres.

Amo emfim do coração
 A modesta habitação,
 Em que nos tempos de então
 Tudo sorria-me, oh ! sim !
 Do pastor mesmo a cabana,
 De lavrador a choupana,
 Humilde, porém mui lhana,
 São saudades para mim !

E choro.... choro exilado
 Pelo saudoso passado
 Que meu agro e duro fado
 Sem compaixão me roubou !
 N'um solo estranho, perdido
 Eu verto pranto sentido
 Por esse berço querido
 Que eterno amor me infiltrou !

Choro triste desgerrado
 Pelo oceano apartado
 De tudo quanto hei amado
 Em ti, oh berço feliz ;
 Joven ainda inexperto,
 Qual o tufão no deserto
 Errante vagando e, incerto
 Em um estranho paiz !

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Recordações.

Era noute, noute bella
 De luar, noute serena
 Na qual vi o rosto lindo
 Da gentil formosa Emmena!

Eu a vi sorrir alegre
 Nessa noute de luar,
 Eu a vi contente e leda
 Entre boninas passar.....

De meu peito saudoso
 Triste suspiro soltei,
 Sua imagem e seu nome
 Em meu coração gravei!

Emmena querida Emmena
 Tu venceste, toma a palma!
 Triumphaste de meu peito
 Penetrastes em minh'alma!.....

Foi o fogo de teus olhos
 Que meu peito incendiou..
 Foi o teu olhar tão meigo
 Que minh'alma fascinou!..,

Adoro-te anjo celeste
 Oh! meu anjo de bondade.
 Ah! fujaamos deste mundo
 Que é tão cheio de maldade

Pelo immenso e largo espaço
 Vamos unidos pairar,
 Té achar um aureo polo
 Para nosso amor gosar!

Rio, 8 de Dezembro de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

Seu nome.

O seu nome é qual voz harmoniosa
 Dos anjos n'uma eterna prece a Deus ;
 Tão suave qual echo d'uma frauta
 Solta da solidão nos imos seus.

E' tão lindo, gentil e prazenteiro
 Como da philomella o doce canto ;
 Celeste qual das virgens na clausura
 O chôro ameno, magestoso e santo.

Fagueiro e grato qual do cysne o canto
 Junto as margens d'azul, sereno lago,
 Tão meigo como d'uma mãe ao filho
 A voz num meigo e carinhoso afago.

O seu nome é tão grato p'ra meu peito,
 E n'elle echô-a tão suavemente,
 Que sem jámais poder eu olvidal-o
 No sentido me está constantemente.

Oh! quem seu nome possuir podera !
 Oh! quem podera ser o afortunado,
 Para lograr tão doce e f'liz ventura
 Possuindo seu nome idolatrado !

O seu nome é p'ra mim cá neste mundo
 O maior bem, a mais summa ventura ;
 Por elle serão só meus cuidados,
 Por elle baxarei á sepultura ! !

Rio, 9 de dezembro de 1856.

M. CORREA BRAGANÇA.